

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

LEONI TERESINHA ORIES ZWIRTES

**A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM VIRTUAL ESCRITA NA LINGUAGEM
ORTOGRÁFICA FORMAL CONTEMPORÂNEA**

Porto Alegre

2015

LEONI TERESINHA ORIES ZWIRTES

**A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM VIRTUAL ESCRITA NA LINGUAGEM
ORTOGRÁFICA FORMAL CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Especialista em
Mídias na Educação, pelo Centro
Interdisciplinar de Novas Tecnologias na
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador(a):

Marcelo Magalhães Foohs

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento
Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof.
José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa.
Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

A família é o maior dos aportes teóricos na existência de um ser humano. Nela encontra-se, naturalmente, o apoio para a formação do que somos, o que queremos ser e o que serão nossos filhos. Nela identificamos da forma mais pura os erros que não pretendemos ou não devemos cometer, as lições que queremos repetir, as vozes com as quais nos identificamos e, cabe bem aqui, os enunciados e os discursos que farão parte marcante e consciente da heterogeneidade dos nossos atos e falas. Assim, tenho para mim que, apesar de não estar mais presente meu avô faz parte de cada passo da minha existência e de coisas que ele há muito dizia que eu iria conquistar.

É a ele que sempre vou agradecer a pessoa que sou e à minha mãe que tem dado continuidade aos passos dele mantendo-me no rumo e, incondicionalmente apoiando-me independente, do caminho que eu queira seguir.

É, também à minha filha, a quem eu tento guiar da mesma forma e servir de exemplo, que como em tudo o que faço, está sempre presente, incentivandome, apoiando-me e motivando-me a progredir.

RESUMO

Norteadada pelos princípios bakhtinianos, esta pesquisa fará um estudo da influência que a escrita virtual exerce sobre a escrita convencional em pré-adolescentes que cursam o ensino fundamental, mais precisamente, alunos do interior do Rio Grande do Sul. A chegada da internet trouxe consigo um aumento muito significativo de novos gêneros textuais, cada um deles com suas particularidades e léxico característico. Mesmo mais de vinte anos depois de sua explosão ainda se discute muito sobre as influências que estes gêneros textuais da escrita virtual operariam sobre a escrita convencional ou formal. Conversa digital está associada à comunicação instantânea, a economia de caracteres e a simbologias, portanto, desvios da norma culta padrão, segundo a escrita convencional. Para alguns profissionais da educação um dos geradores da problemática que vem sendo enfrentada no país quanto à questão dos graves e persistentes desvios ortográficos está ligada ao fato de que muitas crianças nesta idade passam boa parte de seu tempo livre em chats e redes sociais fazendo uso dos recursos verbais e extra-verbais que estes oferecem, dificultando o desenvolvimento das habilidades de escrita dos mesmos que acabam empregando esses recursos de forma generalizada em gêneros que requerem a escrita convencional.

Palavras-chave: linguagem virtual, linguagem convencional, análise do discurso.

ABSTRACT

Guided by the principles of discourse analysis inspired in Bakhtin this research studies the influence of virtual writing on the conventional writing of pre-teens who attend elementary school, more precisely, students from Rio Grande do Sul. The arrival of the internet brought with it a significant increase of new genres, each with its peculiarities and distinctive lexicon. Even after twenty years that its explosion occurred, educators still argue a lot about the influences that these textual virtual writing genres would operate on formal writing. Digital conversation is associated with instant communication, economy of characters and symbols, and, therefore, deviations from the norm. For some education professionals one of the main issues for serious and persistent spelling deviations is the fact that many children this age spend much of their free time in chat rooms and social networks making use of the verbal and extra-verbal features that these sites offer, hindering the development of standard writing skills. They end up employing these features in genres that require conventional language.

Keywords : virtual language, conventional language, discourse analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de enunciado contextualizado	31
Figura 2 – Exemplo de léxico utilizado na comunicação virtual	32
Figura 3 – Exemplos de iconografias	32
Figura 4 – Exemplo de autoimagem ligada ao enunciado.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BREVE CONVERSA SOBRE A LÍNGUA	14
3 PARA ANALISAR UM DISCURSO: BAKHTIN	16
3.1 Bakhtin e o Dialogismo.....	17
3.2 Polifonia, Linguagem, Língua e Palavra	18
3.3 Significação e Mobilidade Linguística.....	21
3.4 Gênero, Enunciado e Estilo.....	22
4 ADOLESCENTE E LINGUAGEM VIRTUAL	26
5 METODOLOGIA	28
6 ANÁLISE DE DADOS	30
7 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXO A (Atividades para coleta de dados)	45
ANEXO B (Modelo de Autorização)	47

1 INTRODUÇÃO

Produto de uma escola católica da rede particular de ensino, extremamente tradicionalista, como não poderia ser diferente na década de setenta, tive uma alfabetização não menos característica da dos rigores da época. Ainda assim, alguns desvios ortográficos tenderam a permanecer durante um tempo – pois, talvez se deva ao fato de que nem sempre fora uma aluna que se adequava aos padrões da época. Neste contexto, sou testemunho vivo dos métodos utilizados na época, nem todos ruins de todo e nem todos eficientes; assim como presenciei o desequilíbrio existente entre o ensino da gramática e o desenvolvimento da análise e produção textual.

Mesmo desta forma posso afirmar que o grande problema vivido naquele momento decorria da falta de compreensão pela legítima impossibilidade de sanar as dúvidas existentes pois, uma vez escrito o conteúdo no quadro era considerado “dado” e, poucos eram os que podiam questionar a respeito, eu como não era boa aluna, jamais perguntava. Esta falta de compreensão aliada a forte repressão acabou tirando muitos de nós do contexto da escola, outros tornaram-se relapsos, e dos que resistiram, muitos, hoje, são profissionais da educação.

Da mesma forma, ingressei no Magistério, duas das opções que tínhamos para então Segundo Grau, abandonando-o assim que concluí o estágio, muito mais contrariada com os métodos do que com o que o contexto escolar tinha a me oferecer. Neste ponto, a Língua Portuguesa exercia sobre mim um fascínio, estranho para quem já havia tido tantas dificuldades, mas que, repentinamente, influenciada pelos métodos de uma professora do Magistério, passara a entender como tudo parecia ser tão simples, ter um motivo, uma razão de ser. Abandonei o Magistério mesmo assim.

Após ter exercido outras profissões sem obter satisfação pessoal reingressei no curso de Licenciatura em Letras e na profissão que desde o segundo mês de aula, já no final da década de noventa, sinto que é meu lugar.

Juntamente comigo ingressava à sala dos professores uma discussão acirrada e que deixava muitos alarmados: a função de professor estava em sério

perigo perante a informatização – era assim que muitos pensavam na época. Um período de muita inquietação, ou desacomodação, diriam alguns. Não bastasse substituir o professor a informatização midiática trazia com ela novos gêneros textuais, novas formas abreviadas de escrever completamente “erradas” seriam introduzidas à produção textual convencional. Tudo isso, e um grande preconceito linguístico, incertezas e desinformação. Ouvia-se desde opiniões ponderadas a discussões infundadas.

Tão logo a comunicação virtual tornou-se mais doméstica, tornou-se também o novo vilão da escrita formal, já meio mediocrizada pelo nosso sistema de ensino fraco e tolerante. No mesmo momento vinham à tona também algumas novas teoria de alfabetização e métodos de ensino que poderiam competir com essa forte corrente e dar conta do que o professor poderia necessitar para competir fortemente com inovações. Indubitavelmente, portanto, a única forma de não sucumbir à modernidade era atualizar-se e fazer de seu inimigo eletrônico um aliado para enriquecer a educação. No entanto, ainda é frequente atribuir-se a falta de interesse dos alunos de qualificar a linguagem deles ao fato de as redes midiáticas não exigirem o emprego de uma linguagem melhorada e sim mais sintética, objetiva e até simplificada. Ao fato também de poder-se obter informações em grande quantidade e de forma rápida e, por isso, desmerecer o contexto escolar.

Aos vinte anos de magistério, particularmente, não tenho constatado que a comunicação virtual tenha afetado de forma negativa a escola, nem tão pouco a vejo como um meio adverso de obter informações, penso que o que deve ser feito é educar para este tipo de comunicação.

Presencio diariamente as dificuldades ortográficas vividas pelos alunos das séries finais do Ensino Fundamental onde atuo e, tenho a convicção de que ao ingressarem no sexto ano os alunos cada vez mais trazem consigo essas dificuldades que tendem a permanecer por muito tempo. Não se trata de preconceito linguístico, tanto quanto de perfeição, mas de atribuir a devida responsabilidade a quem cabe, refletir sobre o que pode ser feito, ao menos no contexto escolar em que me encontro.

A experiência trouxe-me algumas reflexões pertinentes ao momento: em primeiro lugar, pessoas escolarizadas na época contemporânea a que eu fui parecem não apresentar as mesmas dificuldades. Seria por não terem sofrido a influência da mídia, mas em contrapartida a escolarização não apresentava métodos que conduzissem à organização do pensamento, a construção de conceitos, nem a aplicação de técnicas humanizadas que favorecessem ao aluno. Segundo, as crianças que ingressam no sexto ano do Ensino Fundamental não possuem contato constante com as redes midiáticas a ponto de sofrerem esta influência e, a medida que o tempo passa esse contato vai crescendo, porém não aumentam as dificuldades.

Terceiro, o padrão de erros que acontecem com alunos do fundamental compara-se aos dos alunos da educação de jovens e adultos que permaneceram muito tempo afastados da escola, ou com baixa escolarização e que também não possuem contato constante com as redes midiáticas. Estaria então a comunicação midiática exercendo uma má influência sobre o desenvolvimento da linguagem formal, ou seriam outras as causas? Como reagem mediante o uso da linguagem virtual e da linguagem formal os jovens que dela fazem uso diariamente. Existe uma fronteira? Qual?

Este trabalho busca analisar uma pequena fatia destes componentes buscando encontrar um norte para as afirmações acima, onde se encontra e como acontece o elo entre a linguagem virtual e a linguagem formal com os falantes de língua portuguesa do Ensino Fundamental.

Para isso, foram selecionados pré-adolescentes do sétimo ano, portanto entre doze e treze anos de idade, de uma Escola Municipal de um bairro da cidade de Farroupilha, com hábitos e estereótipos diferenciados a fim de poder tornar-se o mais fiel possível à realidade de uso da linguagem.

Embora tanto a linguagem oral como escrita sejam uma ferramenta importantíssima do perfil do usuário serão analisadas situações da linguagem escrita empregadas no Facebook e comparadas aos textos produzidos em sala de aula, no momento da realização de trabalhos no componente curricular de Língua Portuguesa durante o mês de abril do ano de dois mil e quinze. Uma fatia bastante restrita e contida de um contexto social, escolar e midiático tão amplo

que temos hoje, mas, por razões óbvias neste contexto, não há condições de aprofundar mais a análise, por mais que a intenção se encontre aguçada.

2 BREVE CONVERSA SOBRE A LÍNGUA

O advento da escrita trouxe profundas mudanças no modo de ser das sociedades antigas no que se refere ao registro de suas atividades diárias e culturais, assim avançou pelos milênios sofrendo mudanças não menos significativas geradas pelas necessidades desta mesma sociedade da qual é parte integrante.

No decorrer dos tempos a escrita passou de forma de registro de ritos religiosos e atividades comerciais registro de lendárias crônicas de heróis, chefes de estado que pretendiam através dela permanecer na lembrança de seu povo pelo ecoar dos tempos.

O mesmo ocorreu com os materiais destinados ao registro desta escrita, evoluindo juntamente com a sociedade e a necessidade desta de ampliar seus registros e conservá-los no decorrer da história. Mas, um dos fins da escrita que mais influenciou no avanço dela foi a comunicação interpessoal. Com a necessidade de comunicar-se, nas mais diferentes distâncias, formas e tempo a escrita teve de se adaptar mais uma vez às aspirações do ser humano. Porém, uma análise da evolução da escrita nos mostra que nunca as formas de comunicação evoluíram tanto quanto no século passado e início deste. Isto se deveu à criação de tecnologias e avanços impressionantes destes em um espaço de tempo muito mais estreito.

Referimo-nos agora ao papel desempenhado pela escrita perante o surgimento de novas tecnologias de informação. Pode-se dizer que o advento da internet é para a modernidade como foi o surgimento da escrita no passado.

Este momento histórico marca uma nova forma de pensar, de expressarse, e, principalmente de pensar comunicação, sem dúvida nenhuma tracionada pela internet. Essa tecnologia que povoa nosso cotidiano processa, concretiza e impulsiona a comunicação falada, escrita e visual e de forma interativa introduz novos conceitos de textos e gêneros textuais. O mesmo que se dá com a cultura que antes apresentava acesso restrito à sua formatação, hoje, estimula e proporciona a participação efetiva dos produtores-receptores.

A internet proporciona à comunicação a proximidade entre os indivíduos e a dinamização entre os usuários, a formação de grupos ligados por comunidades virtuais afins. Estes ambientes, por sua vez, exigem de seus participantes o emprego de uma linguagem não menos imediatista, fazendo com que estas comunidades desenvolvam uma sociedade linguística com especificidades próprias, criação de neologismos, inovando o léxico da língua portuguesa. A busca da dinamicidade leva, por sua vez, a língua portuguesa novamente a seguir uma tendência fonética semelhante a que viveu no seu período arcaico e a formação de uma variedade linguística, um dialeto que mistura sons, imagens e símbolos e que não tem a preocupação de seguir o padrão do português formal, um estilo específico que recebe de alguns a denominação de *internetês*.

Porém Faraco (1996), lembra que nem todas as diferenças entre a fala e a escrita são sinais de mudança, uma boa parte delas é simplesmente decorrente de características próprias da oralidade em oposição àquelas da escrita.

Como as noções de espaço e tempo do mundo virtual são alteradas, pois podemos nos referir a vários lugares e momentos diferentes ao mesmo tempo, estabelecendo uma comunicação simultânea entre vários falantes em tempo real, a velocidade é que acaba determinando o tipo de linguagem a ser empregada.

E, é neste mundo virtual, onde a digitação substitui a oralidade e a linguagem cotidiana informal torna-se mais sintética e rápida, portanto, mais eficiente, que a *geração cyber* se desenvolve e mescla seu tempo com o da escola e mescla o uso da linguagem virtual e o uso da linguagem formal.

3 PARA ANALISAR UM DISCURSO: BAKHTIN

Como esta pesquisa tem por finalidade a análise do discurso empregado em redes sociais e suas influências sobre os discursos de uso formal na vida do educando, mais precisamente, o Facebook, no que diz respeito ao vocabulário, marcas textuais, produções de sentido, significado, gênero e atividades interativas, os conceitos de Bakhtin tornam-se a célula central do estudo. As contribuições de Bakhtin influenciaram e anteciparam algumas das principais teorias desenvolvidas nos últimos 40 anos, sendo ele o precursor de reflexões sobre a concepção de discurso ou enunciado e o princípio dialógico do mesmo – diálogo entre interlocutores e diálogo entre enunciados.

Ao contrário do que se tinha até então em estudos linguísticos que levam em conta a língua por objeto, tomando-se desde as unidades mínimas até a dimensão da frase, Bakhtin leva em conta o texto como produção de um ser humano e este ser humano por sua vez é o objeto de estudo das ciências humanas. Assim cada ciência humana apresenta pontos de vista diferentes sobre um objeto textual, construindo, portanto, outros textos-objetos diferenciados.

A metalinguística de Bakhtin vê os escritos humanos como objeto das ciências humanas que leva a **compreensão respondente**, onde se conhece **um objeto** nas ciências naturais como um **sujeito** produtor de textos nas ciências humanas. A respeito disto ele afirma:

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele há a coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (Bakhtin, 1992 *apud* Brait 1997, 29).

Assim, conhece-se o sujeito, ser-objeto das ciências humanas através das realizações que este estabelece com o seu destinatário por meio do enunciado e vice-versa. Compreende-se, desta forma, o diálogo pelo sujeito, assim como o

sujeito pelo diálogo. Enfim, para Bakhtin (1992) o texto torna-se foco das investigações que levam à compreensão do ser humano que o produz.

Quanto ao objeto-texto, entende-se objeto significante ou de significação, ou seja, o que o texto significa como produto de um meio social, cultural, histórico, o texto como forma de diálogo entre interlocutores e entre interlocutores e entre textos e o texto como produção singular não reiterável ou repetível.

3.1 Bakhtin e o Dialogismo

Conforme já mencionado o primeiro aspecto a ser observado em Bakhtin é o de que a linguagem é por natureza dialógica, assim como o homem e a vida seguem o mesmo princípio, o segundo é o de que a alteridade define o ser humano uma vez que o outro é substancial. Em síntese, para ele, “a vida é dialógica por natureza” (Bakhtin,1992).

Bakhtin deu início, também, ao desenvolvimento dos estudos sobre a interação verbal entre sujeitos e a intersubjetividade. Dentre os aspectos por ele neste estudo mencionados, alguns são de relevância maior: primeiro, a interação entre interlocutores funda a linguagem; segundo, tanto o sentido do texto quanto a significação das palavras dependem da relação entre os sujeitos; terceiro, a relação entre os interlocutores constrói os sujeitos produtores do texto, sendo a intersubjetividade anterior a subjetividade; e, quarto, a relação entre os sujeitos e aos mesmos tempos destes com a sociedade.

Desta forma dentro da contribuição dele aos estudos da comunicação e da interação verbal destacam-se a **variação linguística funcional e discursiva**, a reversibilidade, a construção do sujeito dialógico, bem como a competência destes na comunicação e o jogo de imagens.

Uma fatia generosa do trabalho deste autor dedica-se à afirmação de que a heterologia ou pluridiscursividade são características dos discursos que deixam transparecer a diversidade das vozes, das línguas e dos tipos discursivos. Particularmente Bakhtin emprega o termo heterologia não apenas para os tipos discursivos, mas também para os diferentes elementos do discurso como

gênero, profissão, nível social, idade, entre outros elementos que devem ser considerados no estudo da comunicação verbal.

Neste aspecto, recorre-se ao “horizonte ideológico” de Bakhtin a fim de analisar a relação entre os interlocutores e entonação empregada entre ambos. É a entonação da expressão fônica, ou seja, o tom empregado que pode levar a determinar a relação social existente entre eles. Bakhtin descreve o tom desta forma:

O tom não é determinado pelo material do conteúdo do enunciado ou pela vivência do locutor, mas pela atitude do locutor para com a pessoa do interlocutor (a atitude com sua posição social, para com sua importância, etc.). (Bakhtin, 1992 *apud* Brait 1997, 33).

Mesmo quanto ao diálogo entre discursos ele mantém sua posição de que o discurso não é individual porque coexiste entre no mínimo dois interlocutores, que também são seres sociais, logo, estabelecem contatos com outros discursos, estreitando-se as abordagens textuais denominadas de **externas** e **internas**. Estas concepções de dialogismo, relação entre discursos-enunciados, definem o texto como *tecido de muitas vozes*, lugar onde se inter cruzam, completam e respondem ou polemizam outros textos ou discursos, no interior de um texto, transparecendo seu caráter ideológico.

No aspecto da linguagem, ela é constitutivamente dialógica, assim como a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, ou seja, a língua é dialógica e complexa ao mesmo tempo, uma vez que nela ficam registrados historicamente choques e contradições impressos pelo dialogismo dos discursos. Assim, entre a dialogicidade e a linguagem se estabelece, também, a mesma relação existente entre linguagem e vida.

3.2 Polifonia, Linguagem, Língua e Palavra

O dialogismo é constitutivo da linguagem e de todo discurso enquanto que a polifonia é característica de um determinado tipo de texto onde o dialogismo se apresenta de uma forma mais clara e transparente, permitindo perceber ali a presença de muitas vozes. Mesmo sendo o diálogo condição da linguagem e do discurso, existem textos polifônicos e monofônicos, de acordo com as estratégias

discursivas empregadas na construção deles. Desta forma, a monofonia e a polifonia não passam de efeitos de sentido empregados em discursos que por definição e constituição são dialógicos.

Os estudos linguísticos de Bakhtin deslocam-se do objeto de apreensão e investigação **frase**, para as frases produzidas por grandes massas verbais, chegando a concepção de discurso como uma construção híbrida e (in)acabada, rica em vozes e múltipla de sentidos.

A polifonia está presente em todas as manifestações metaenunciativas, ou mesmo autônomas, tornando o ser dinâmico, não mais fossilizado, na sua prática de (re)enunciação com variação de consciência e deslocamento no emprego das outras vozes.

Isto se constata na definição de Bakhtin de atividade verbal:

É [...] numa certa medida [...] um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras de outrem (e não das palavras da língua). Nossa palavra, ou seja, nossos enunciados [...], está repleta das palavras de outrem, caracterizados, em graus variáveis, pela alteridade ou assimilação [...] por um emprego consciente e diferenciado.

(Bakhtin, 1992 *apud* Brait 1997, 66).

Dito de outra forma, a alteridade se dá pelo emprego de um enunciado com graus variáveis de significação, de acordo com o processo de assimilação, de acordo com a direção, o objetivo de alcance do sujeito e a soma das marcas que socialmente formam este sujeito.

Logo os conflitos e significação são ativados mediante a intenção do sujeito comunicante. A minoria deixa, então, de ter um efeito acabado em relação ao sentido, tornando cada sujeito único. Daí as afirmações de Bakhtin (1981) de que “o outro compartilha minha vida sob uma nova forma” e que o *eu* só pode se realizar no discurso apoiando-se em *nós*.

Desta forma se dá a complexidade na reflexão bakhtiniana sobre a noção de sujeito e de sua identidade, não somente na linguística, como na matriz dialógica, mas em torno dos lugares ocupados por esse sujeito perante a enunciação.

A concepção de enunciação como uma produção da língua por sujeitos entende-se por **perspectiva indicial**, a forma como este sujeito falante da língua se

anuncia, ou seja, o levantamento e a análise das marcas linguísticas da produção deste sujeito (pessoa, tempo, lugar, etc.).

Bakhtin, com o estudo dos discursos cotidianos apresenta uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana, o que mostra comprometimento não com tendências linguísticas ou literárias, mas com uma visão de mundo em busca de construir e instaurar o sentido dentro de uma abordagem linguística discursiva. O eixo do pensamento dele procura compreender os graus e representações da heterogeneidade constitutiva da linguagem e a natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra, produção de sentido, significação, autoria, enunciação e gênero, ou seja, a interdiscursividade como condição da linguagem.

Em Bakhtin há um constante diálogo entre *existência e linguagem, mundo e mente, dado e criado* vistos como experiências em ação e representação do mundo através do discurso.

Referindo-se à língua e à palavra vale a pena ainda citar que elas fazem parte de um enunciado enquanto interação, incluindo as questões da relação que o sujeito possui com o mundo e que é transmitida pela palavra através da enunciação enquanto interação:

...a palavra integral não conhece um determinado objeto na sua globalidade. Só pelo fato de eu ter falado dele, a minha relação para com ele deixou de ser indiferente, tornando-se interessada e ativa. Por isso a palavra além de designar o objeto como algo que se torna presente, através da entonação (a palavra realmente pronunciada vem obrigatoriamente associada a determinada entonação que decorre do próprio fato de ser pronunciada) exprime ainda minha atitude valorativa em relação ao objeto, positiva ou negativa e, com isso, o põe em movimento, fazendo dele um elemento da eventualidade viva [...]
(Bakhtin, 1993 *apud* Brait 1997, 95).

Vale a pena também, ser explorado o fato de que a linguagem não é empregada no vazio, mas em um momento histórico em determinado lugar, que, por conseguinte encontram-se ligados ao significado da palavra. Isto significa entender que a ideologia determina a linguagem e que a enunciação está diretamente ligada às condições de comunicação e estas a estruturas sociais. Em Bakhtin a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos, na medida

em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente participam do julgamento de uma situação.

3.3 Significação e Mobilidade Linguística

No entendimento deste autor a palavra adquire significação de acordo com o contexto ao qual ela está inserida sem deixar de ser uma pela composição fonética e pela unicidade de suas significações.

O sentido na linguagem está ligado a noção de *tema*, forma variada com que o mesmo enunciado pode ser empregado devido a elementos constitutivos não verbais. Já, por significação, ele entende os elementos da linguagem reiteráveis e idênticos sempre que são repetidos. Sobre a natureza específica da relação entre tema e significação Bakhtin escreve:

A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior da capacidade de significar [...] a significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação [...] é uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. (Bakhtin, 1993 *apud* Brait 1997, 107)

Para Bakhtin signo é tudo aquilo que significa. “O elemento que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica” (1992, p. 76). Ou seja, a mobilidade específica é a capacidade que o signo tem de adquirir determinada identidade de acordo com o contexto em que está inserido. Daí chega-se à significação de uma palavra inserida em um determinado tema. Ao desvincular-se do caráter de língua como uma inscrição atribui-se a ela a sinalidade, ou seja, conjunto de sinais desvinculados de um contexto.

Assim o que a torna objeto da linguística não é sua identidade como sinal, mas a mobilidade específica. E, ainda, para o autor o contexto em que é empregada uma palavra não se trata de apenas relacioná-la a uma situação de mundo ou porção deste, mas de relacioná-la com os fatos do discurso e ao centro

organizador da enunciação, o indivíduo que ocupa a posição de sujeito em relação aos fatos do discurso.

Sendo a enunciação a significação da palavra em uma situação específica de uso e não pelo índice de significados desta que a linguagem permite localizar perante o mundo. É a enunciação que permite transitar entre o sinal e o signo, permitindo a especificidades das situações enunciativas.

3.4 Gênero, Enunciado e Estilo

Sendo o texto não apenas unidade do processo de criação estética, mas objeto de investigação das ciências humanas, é este um espaço aberto ao sincronismo de visões. Este conjunto sincrônico reporta-se às elaborações combinatórias da linguagem verbal e extra-verbal, sempre associadas às relações que o homem mantém com o mundo através da linguagem, traduzindo-se em forma de gênero textual.

Em Bakhtin as unidades de pensamento entrelaçam-se formando complexas relações de linguagem. Um contexto leva ao outro, criando entre eles nódulos que garantem as correlações. A noção de gênero foi pensada como uma forma de acabamento da visão de mundo determinada pelo posicionamento e, o acabamento, por sua vez, uma forma estética de valorizar as relações entre o **eu** e o **outro** e que foi denominada de arquitetônica.

O conceito de gênero está ligado à imagem e às formas de uso das línguas e das linguagens e o uso que se faz delas. Cabe à metalinguística analisar as possíveis combinações das formas do discurso possíveis sob ponto de vista diferenciados, assim como, seus potenciais significados. Bakhtin divide os gêneros em dois grupos: o dos gêneros primários e o dos gêneros secundários. Os primários reúnem os discursos da oralidade em níveis variados (diálogos do cotidiano, discurso didático, filosófico e sociopolítico). Os secundários, os da literatura, da ciência, filosofia, da política, não sendo esta divisão estanque.

A vida do gênero é definida pela capacidade deste de renovar-se, criando novas cadeias que acompanham a variabilidade de usos da língua. As comunicações

interativas da vida cotidiana proporcionam o processo combinatório entre gêneros, gerando a virtualidade, uma rede discursiva em expansão que une formas particulares de ver o mundo em épocas diferentes.

Os gêneros transitam pelas atividades humanas e devem ser pensados como atividade cultural, que envolvem temas, composição e estilo. Assim todas as demais atividades além da literária, envolvem gênero e estilo e, o estilo está estreitamente ligado a algumas formas particulares de enunciados, que são os gêneros. Desta forma quando um enunciado reflete a individualidade de quem fala ou escreve, está ali registrado o estilo individual. Sobre esse excerto Bakhtin diz:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma e doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por uma construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (Bakhtin, 1992 *apud* Brait 2005, 88).

Porém, segundo ele também, os gêneros possuem as suas especificidades, nem todos os gêneros propiciam o uso de um estilo individual, como no caso de documentos oficiais, notas de serviço, felicitações, por exemplo. Outros, possuem estilos apropriados a suas especificidades de acordo com a função que desempenham, científica, técnica, religiosa, oficial, ou mesmo em determinadas áreas de comunicação. O estilo depende, também, do tipo de relação existente entre o locutor e os demais participantes da comunicação verbal.

É pertinente, neste momento a relação que Bakhtin estabelece entre o enunciado e a expressividade presente nele. Pois, através da expressividade distingue-se o estilo, a intenção, a relação estabelecida entre locutor e destinatários, entre outros:

Este é um caso típico e muito importante: com muita frequência, a expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes, nem tanto

– não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos: são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressão mais contundente (ou pelo contrário, menos contundente), o tom provocante (ou pelo contrário conciliatória), etc.. [...] A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também do locutor com os enunciados do outro. (Bakhtin, 1992 *apud* Brait 2005, 94).

O conceito de destinatário também se torna essencial quando o objetivo é a análise do discurso e, parafraseando o que diz Bakhtin in Brait (2005), o destinatário pode ser desde um interlocutor direto com quem mantemos uma conversa cotidiana, como pode ser um conjunto de especialistas em uma determinada área, passando por chefes, superiores, inimigos, inferiores, dentre outros. Os destinatários são determinados pela área de atividade humana e cotidiana que reporta um enunciado, o objetivo, o estilo, a forma da influência deste enunciado sobre o destinatário, a área da comunicação ao qual se destina.

Não há dúvidas, portanto, de que um enunciado deve ser visto como um conjunto linguístico concreto, produto de um momento histórico, em um determinado lugar, produzido por um ser social, dotado de marcas conceituais formuladas pelas vivências e, acima de tudo produto de um conjunto de vozes presentes na voz de um enunciador para “um” destinatário. O falante de sua língua. Assim, um falante da língua materna, deve, portanto, à medida que amplia suas relações culturais e de conhecimento dentro desta língua, ampliar também suas habilidades de uso nas diferentes formas de emprego. Entendese que uma criança em fase de alfabetização sinta ainda dificuldade na identificação entre determinados símbolos e sua relação fonética (letra x fonema), mas que, com o decorrer dos anos, aumento de seu grau de escolaridade e uso da língua portuguesa, seja marcado pela não compreensão de enunciados de sua própria língua mãe ou emprego da linguagem escrita de forma que não corresponda ao grau de escolaridade que possui, distanciandose do contexto linguístico em que se insere, permanecendo em seu estágio inicial, sem sequer distinguir a situação de uso em que se enquadra determinada variação linguística, apontando para

outro lugar diferentes daqueles pretendidos como referentes pelo autor. Há que se pensar sobre o que vem ocorrendo em termos de aquisição da linguagem escrita em nosso país. O mínimo que se espera de um falante da língua é que ele elabore o enunciado dele e este se dirija de forma substancial e adequada para o destinatário ao qual está voltado. Sendo que os destinatários possuem várias faces, vários perfis e várias dimensões, espera-se que o enunciador avalie os seus conhecimentos, sua situação de comunicação e, então dirija seu enunciado. Surgem aí as perguntas: O que está influenciando na esfera da escrita para que os falantes procedam da maneira equivocada como vem acontecendo no emprego da linguagem? Estaria o problema ligado à aquisição da linguagem escrita, na alfabetização? Ou, o que vamos sucintamente avaliar aqui, o uso demasiado da linguagem virtual (seu dialeto internetês) estaria influenciando largamente o emprego da linguagem formal a ponto de não se estabelecer uma fronteira entre as duas?

4. ADOLESCENTE E LINGUAGEM VIRTUAL

Quando falamos em tecnologias, em um país como o Brasil, não podemos deixar de considerar o verdadeiro desafio que representa a crescente desigualdade, o abismo que separa analfabetos que não possuem sequer acesso a meios de comunicação como rádio, jornais, revistas, muito menos a hipertextos, redes sociais, correio eletrônico ou qualquer tipo de comunicação

virtual. Ao mesmo tempo que esta é a realidade de muitos, a de outros torna-se a de adequar-se aos tempos digitais, onde uma linguagem modificada predomina através de abreviações, sinais, sequência de caracteres tipográficos capazes de traduzir os sentimentos, ou seja, uma comunicação paralinguística. Afinal, a escrita virtual ocorre em tempo real e precisa ser rápida, mais simples e eficiente possível na função de criar-se uma “imagem” do que se quer expressar, assemelhando-se a linguagem oral.

Muitos veem esta forma de escrita como um perigo para os que se encontram em fase de alfabetização ou mesmo para os já alfabetizados que fazem uso dela de forma assídua.

Nossos adolescentes e pré-adolescentes não veem a linguagem virtual como algo novo ou diferenciado, provavelmente por serem contemporâneos a ela. Já para pessoas que tiveram que introduzi-la em suas vidas possui uma visão um pouco diferenciada. Eles já nasceram parte deste mundo virtual. Desde o início da existência deles fazem parte do mundo informatizado e presenciam seus pais usarem o caixa eletrônico, responderem a e-mails, conversarem com amigos e parentes através do Skype ou chats, portanto é também natural para eles desenvolverem a linguagem virtual. O que para eles é algo corriqueiro, necessário e de simples acesso, alguns não veem com bons olhos, e culpam o contato precoce com esses meios de comunicação e o desenvolvimento desta linguagem como um dos vilões do uso da escrita formal padrão se encontrar tão fragilizada e, pode-se até dizer, empobrecida.

Alguns alunos, sem um controle bem feito da família, têm acesso precoce às redes sociais, outros ingressam timidamente e logo se veem condicionados às comunidades virtuais cujas temáticas comuns reúnem indivíduos com interesses comuns por ciberespaços, não se trata de afinidades sociais, geográficas ou de convívio diário, mas de interesses, uma vez que podem se comunicar pessoas de diferentes partes do mundo, sociedades e culturas. Estes são usados para falar entre si, expor seus sentimentos, suas frustrações, seus motivos de revolta, ou simplesmente seu jeito de ser, tornando-se ao mesmo tempo emissor e receptor.

É este contexto de comunicação que agrupa características específicas, conforme já foi citado, que agrupa ao mesmo tempo características da linguagem oral, simplificada e abreviada que gerou a criação de dialetos específicos virtuais, com forma de escrita específica, tipologia textual adaptada e recriada com a finalidade de viabilizar e unificar um código de uso comum que satisfaça os usuários.

5 METODOLOGIA

A amostra que faz parte dos elementos citados no trabalho foi retirada de uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Municipal de Ensino, da cidade de Farroupilha, interior do Rio Grande do Sul. A escolha por amostragem desta escola não se deve simplesmente ao fato de ser um dos locais onde atuo profissionalmente, mas por ser uma escola pública privilegiada, situada em um bairro classe média-alta onde poucos são os alunos de baixa renda e muito boa é a estrutura física e pedagógica da escola. Não

temos, portanto, como afirmar que nem todos os alunos possuem acesso às tecnologias, uma vez que em pesquisa recente, feita para elaboração do novo Plano Político Pedagógico constatou-se que oitenta por cento dos alunos possuem computador em casa, com acesso à internet (dever ser levado em conta que em torno de cinquenta por cento são crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental). Aos alunos que não possuem acesso ao computador doméstico a escola oferece acesso ao laboratório de informática para realização de atividades e em turno oposto para pesquisa e acesso. Esta turma é praticamente uniforme no sentido de que não encontramos uma disparidade muito acentuada quanto aos diferentes níveis de aprendizagem, a maioria possui entre doze e treze anos de idade, sendo que dos 25 alunos apenas dois farão catorze anos no decorrer do ano letivo.

Porém há um fato interessante, alguns, não poucos apresentavam no início do sexto ano, sérios problemas de ortografia e compreensão textual que, hoje, não se encontram sanados por completo, mas bem mais amenos.

Para que fosse feita a análise foi necessário o acesso ao Facebook, uma vez que esta foi a rede escolhida para seleção e comparação dos enunciados com textos formais produzidos em contexto de sala de aula.

Foram, desta forma, estipulados alguns critérios a serem seguidos na escolha dos alunos e enunciados a serem observados. Estes precisavam ser alunos assíduos à rede e que fazem uso desta constantemente para manter contato com colegas e amigos e, ainda, que fazem uso do dialeto virtual de forma marcante, o que, teoricamente, implicaria tendência maior de aplicá-lo na linguagem formal.

Neste caso foram consideradas como características marcantes da linguagem virtual: 1) expressões em inglês; 2) letras trocadas com o objetivo de aproximar a linguagem da oralidade; 3) uso de palavras abreviadas; 4) palavras escritas com letras maiúsculas; 5) escrita representando expressões sonoras ou de voz como, por exemplo, repetição demasiada de letras (Humm); 6) emprego de gravuras e/ou sinais que representem ações, sentimento ou estado de espírito.

Os enunciados selecionados serão analisados segundo conceitos de Bakhtin para análise do discurso: dialogismo, polifonia, linguagem, língua, palavra, significação, mobilidade linguística, gênero, enunciado e estilo, tanto no discurso virtual quanto formal a fim de avaliar como se deixam transparecer em cada um e ao mesmo tempo um no outro, identificando as características.

As amostras foram selecionadas durante os meses de abril e maio de 2015, sendo, portanto atuais, procurando-se manter o maior distanciamento possível no que se refere à neutralidade da análise e de coleta de dados em busca de um resultado o mais próximo da realidade possível. Foram oferecidas três perguntas das quais os alunos poderiam escolher duas delas para responder. Os temas envolvidos foram: a eclosão de famílias constituídas por homossexuais, violência na escola e preconceito com os skatistas.

6 ANÁLISE DE DADOS

A comunicação mediada por computador caracteriza-se pelo uso abundante de imagens e emprego de recursos lexicais que buscam reproduzir a linguagem oral, de forma expressiva, rápida e concisa. Predominam nas redes sociais enunciados que por natureza constituem-se como hipertextos, como por exemplo, imagens e textos de compartilhamento. Neste contexto o compartilhante é ao mesmo tempo receptor e o emissor que procura através desta ação interagir com seus seguidores e deixar-se identificar pelos traços da sua personalidade que predominam em determinado enunciado ou imagem. Estas produções textuais requerem novas estruturas metalinguísticas que

passam a fazer parte do cotidiano do internauta e, conseqüentemente, da vida dos mesmos não só como produtores de textos, mas na bagagem de conhecimentos arrecadados que vão fazer parte da cultura viva que é este indivíduo como um todo. É neste ponto que a pesquisa pretende elucidar um pouco mais a respeito da influência desta ainda nova linguagem virtual sobre a língua formal escrita.

Parafraseando Bakhtin (1997), o enunciado não é uma seqüência de palavras organizadas segundo os princípios sintáticos da língua, mas uma unidade de comunicação contextualizada. Caso contrário, não haveria como analisar o enunciado “*Básico* :)” (Figura 1) que faz parte de uma das postagens da pesquisa. O enunciado possui características extralinguísticas que pressupõe a inserção de conceitos metalinguísticos para podermos analisá-lo e, é imprescindível que a análise seja feita em seu devido contexto.

Assim, estas falas constituem-se como um enunciado, mesmo aparentemente sem sentido perante a linguagem formal, fora de seu contexto. O mesmo acontece com os próximos exemplos. Essa propriedade do signo de alterar o significado de acordo com o contexto em que se encontra é denominada por Bakhtin de mobilidade linguística. Não é permitido também na linguagem formal o emprego abundante de pontuação, mas esta, quando aparece, pois, uma das características da língua virtual é a falta de pontuação, serve para dar entonação, como em: “*Uooou nollie varial flip!! !!!!!*”, que demonstra uma grande admiração e que pode significar uma entonação eufórica, uma comemoração, ou alegria.



Figura 1 – Exemplo de enunciado contextualizado

(Fonte: Página de um pré-adolescente no Facebook, 2015)

Nas imagens abaixo visualizamos a presença de iconografias, as caracteretas ou emoticons que podem ser construídos com o teclado do computador e possuem a intenção de representar graficamente as emoções. A produção destes recursos vem sendo cada vez mais atualizada adequando-se cada vez mais à função que exercem no campo do diálogo virtual. Alguns movimentam-se, emitem sons, imitam expressões faciais. Eles são usados de forma alongada quando o objetivo é simular e entonação ou na forma reduzida limitando-se a um ou dois no início e no final dos enunciados. Alguns, até representam determinados grupos, como é o caso deste símbolo 🖐️ que representa o emoticon do soco, característico do cumprimento entre determinados grupos sociais jovens que se autodenominam “*manos*”.



Figura .2 – Exemplo de léxico utilizado na comunicação virtual

(Fonte: Página de um pré-adolescente no Facebook, 2015)

Esses tipos de conteúdo e formas de expressão são traços distintivos linguísticos em relação às unidades linguísticas, ou seja, fazem parte do grupo das expressões extralinguísticas. Pode-se também encontrar com frequência o emprego de letras maiúsculas para escrever palavras significando que esta expressão merece destaque, representa um tom de voz modificado, mais grave, mais alto, uma interrogação, um espanto ou um sinal de que quer deixar bem clara a declaração.



Figura.3 – Exemplos de iconografias

(Fonte: Página de um pré-adolescente no Facebook, 2015)

Já a repetição de letras de uma palavra, geralmente no final, como em: “*Boua noitiiii*”, muito comum nos chats e Messenger, também indica um tom de

voz alterado, mais veemente, como se fosse um grito ecoando ou um alongamento da fala.

A mesma imagem acima também evidencia a ausência de pontuação, o que nem sempre acontece, ela parece ser característica da maioria dos indivíduos, porém aparece em outros quase com a mesma regularidade com que ocorre na língua formal. A pontuação parece estar mais ligada à despreocupação que existe no mundo virtual com a formalidade, tanto que, quando a conversa é mais longa ela tende a desaparecer mais frequente e volta a reaparecer quando a conversa se espaça mais ou são usadas frases menores. O seu uso parece estar mais vinculado a adequar a escrita ao tempo real de fala, a necessidade de dar entonação ao que está sendo dito.

É a busca da conversa escrita em tempo real de fala que faz com que o *intenetês* seja tão rico em abreviaturas: *blz* (beleza), *vc* (você), *oq* (o que), *farrops* (Farroupilha), *pq* (porque), *mto* (muito), *mds* (meu deus do céu). O emprego dos verbos também tende a forma mais reduzidas, segundo expressões fonéticas fala cotidiana como “boto”, “*ta*”, “*vô ve*”, “*dexa*”, “*cume*”, dentre outros. O emprego de pronomes é bem reduzido sendo o “*vc*” o mais usado, seguido da expressão “*é nós*”. São ignoradas as letras maiúsculas iniciais tanto dos enunciados como dos nomes próprios, principalmente nas conversas on line.

Até o momento foram expostos aspectos relevantes da escrita propriamente dita afim de se fazer uma comparação dentre a escrita virtual e a escrita padrão formal, de acordo, é evidente, com a faixa etária dos alunos em questão. Quanto à análise propriamente dita dos atos de fala duas particularidades são mais sobressalientes: o de que nenhum ato de fala é singular, e o de que nenhum ato de fala é generalizado, todos possuem singularidade. Trata-se das propriedades da linguagem humana, capaz de produzir atos absolutos e irredutivelmente singulares e único e irrepitíveis e ao mesmo tempo, constituídos de elementos generalizados empregados por outros indivíduos humanos milhares de vezes na sua comunicação. Ao observar as falas analisadas, constata-se uma ocorrência vultosa da repetição de enunciados, porém cada situação de repetição pode remeter a uma interpretação diferenciada e até antagônica, de acordo com o contexto em que se encontra. É

o caso de um determinado palavrão, comum nos dias atuais, e que aparece nos enunciados tanto quanto se ouve nas falas cotidianas em grupos de jovens e que pode ser empregado de forma antagônica. Tanto pode ser empregado com uma expressão que indica uma coisa boa, uma admiração positiva, um elogio, como ao mesmo tempo algo ruim, feio ou má. O emprego do palavrão, sem dúvida recebe a significação de acordo com o contexto em que é empregado, normalmente aparece seguido de iconografias ou repetição exagerada de pontos de exclamação, o que proporciona o entendimento da entonação e da emoção expressa na fala. Uma vez escrito o enunciado este é, então, particular ao ser que a produziu, porém, produto de todas as experiências sensoriais e sociais vividas pelo seu produtor.

Segue assim na visão do ato de fala como uma ação concreta e intencional praticada por um indivíduo, situada em um contexto, portanto de responsividade e participatividade do enunciante sobre qualquer que seja a expressão ou o sentido da expressão a que ele aludiu naquele momento.

Chega-se ao dialogismo de Bakhtin e ao espelho transparente que é a linguagem do sujeito em relação à sua personalidade e vivências. Através da leitura dos conteúdos postados e das conversas consegue-se distinguir gosto, preferências (musicais, esportivas), o que fazem nas horas de lazer e até mesmo o prato preferido, entre outros.

O conteúdo dos enunciados não se restringe aos atos de fala, abre-se como um leque dotado de sentidos dentro da unidade, da significação e do tema presente no léxico. As falas, as fotos, são relações estabelecidas do “*eu-parasi*” e do “*eu-para-os-outros*”, pois há a preocupação com a própria imagem que será exposta e que ao mesmo tempo é a imagem de si que será lida pelo outro, quase sempre uma “*cópia*” ou aproximação do que ele vê como ídolo, exemplo, ou ainda do que ele almeja ser. Isso acontece com o compartilhamento de imagens e o emprego de expressões com as quais o compartilhante se identifica, por exemplo, imagem a seguir, onde a foto do indivíduo está associada a um trecho de música.

Na turma que serviu de amostragem distinguiu-se nitidamente alguns grupos de acordo com as suas preferências como forma de lazer nas horas

vagas. Dois deles, os maiores, distinguem-se nitidamente: os dos skatista e o dos apreciadores de leituras e filmes. Seus posts e suas conversas permeiam as áreas afins, exploram o vocabulário e o universo destes meios, trocam informações e, conseqüentemente, o léxico empregado e as formas de expressão são diferenciadas, marcadas pelas características do mundo que os cerca.

Trata-se do sujeito inserido em seu contexto histórico-social, dialógico, dotado de uma identidade subjetiva e outra racional e que segue na direção dos fatores familiares, sociais, políticos, econômicos e culturais que tocaram com maior ou menor intensidade a sua personalidade.



Figura 4 – Exemplo de autoimagem ligada ao enunciado

(Fonte: Página de um pré-adolescente no Facebook, 2015)

Nesta linha frases compartilhadas e trechos de letras de música que povoam as conversas virtuais fazem parte do horizonte ideológico, rico em polissemia de definições e empregos, *o tecido de muitas vozes*. O autor da letra

da música por si só já busca através de sua voz proferir um discurso híbrido, rico em muitas vozes e que permite através da (re)enunciação a ampliação das consciências ali presentes. O compartilhante, ao identificar-se com o enunciado faz dele a sua voz adicionando-o ao seu contexto e a ele as marcas intencionais pessoais que permitem chegar à alteridade, ou seja, o enunciado de outrem adquire características diferenciadas ao fazer parte do contexto do sujeito que de forma consciente ou inconsciente faz dele a sua voz, com características peculiares dele. É o que ocorre na postagem acima onde o trecho da letra de música de Charlie Brown Jr. é postado juntamente com a foto do emissor, que na verdade está proferindo de forma indireta que ele pensa desta forma, tem em comum este lema, segue este paradigma.

Neste contexto a linguagem é uma forma compreensível e comunicável de exteriorizar a mente, o pensamento, a ação, uma forma de representação do mundo interior do ser humano com o emprego de signos adaptados à sua realidade e capazes de permitir uma construção rica de significações dentro de um tema único, exclusivo, criado para o ambiente.

Essas características identificadas na comunicação virtual constituem-se apenas as principais, diante da riqueza de detalhes que os enunciados virtuais permitem. Com certeza um conjunto sincrônico de elaborações combinatórias entre a linguagem verbal e extra-verbal que traduzem este novo gênero textual.

As complexas relações de Bakhtin revelam-se nitidamente neste gênero que permite também a expressividade do sujeito em forma de um estilo.

É este estilo que permanece quando o sujeito muda da dimensão da escrita virtual para a escrita formal, o dialogismo permanece, obviamente, porém, os princípios que regem o gênero textual formal requerem uma posição diferenciada e até um tanto oculta quanto à personalidade do sujeito que passa a adotar uma outra postura diante deste outro gênero. O “eu” permanece oculto diante de um texto de opinião, por exemplo, enquanto a estrutura textual pede que ele o faça, conforme nos exemplos que temos abaixo:

Em resposta à atividade realizada na aula de Língua Portuguesa em 22/05/2015:

Sujeito 1 – resposta 1

“Acredito que em qualquer união onde exista amor e ambos queiram ficar juntos é válida. Caso ele queiram ter filhos e se casar, qual é o problema? Alguns na sociedade chegam até a afirmar que isto é demoníaco. Será? O demônio está em pessoas do mesmo sexo que querem se casar e ter filhos? Ele não estaria nas pessoas que assassinam, estupram e prejudicam os outros?”

Na verdade o conceito tradicional de família nunca esteve sozinho. A homossexualidade sempre existiu e sempre vai existir, mesmo entre outras espécies de animais. O que na realidade não importa muito e sim o respeito, pelos homossexuais e pela família que eles querem formar. Conheço homossexuais que são pessoas maravilhosas, tem os mesmos gostos que eu por livros e estou nessa batalha contra o preconceito.”

Sujeito 2 – resposta 2

“Nunca presenciei ou vivenciei qualquer episódio de violência escolar ao vivo. Porém na internet, já vi muito. É difícil não ver, elas estão no Youtube, no Facebook, por toda parte. As principais causas, geralmente são o bullying.

Houve um caso que me chamou muito a atenção. É o caso de um garoto que era gordinho e o colega o insultava por isso. Um dia ele se irritou e quebrou a fama do garoto que o insultava. Neste caso o garoto mereceu e muito. Ou então, o caso das garotas aqui de Farroupilha que se desentenderam e acabaram se surrando.

Há outras maneiras de resolver confusões, o problema é que, quando a raiva bate, é difícil de controlar. [...]

Talvez o melhor seja educar mais as crianças, porque muitos destes casos de violência são falta de limites na infância. [...]

Sujeito 3 – resposta 1

“Penso que, primeiramente, todas as pessoas possuem seus gostos, não tenho preconceito nenhum, acho que uma família não precisa ser feita por um homem e uma mulher, mas sim, com pessoas que se amam de verdade. Um casal ser

homossexual ou não, não atinge a minha vida. Tanto homossexuais como heterossexuais podem formar suas famílias e criar seus filhos. Não tenho conhecimento para afirmar se os filhos de homossexuais podem sofrer influências de seus pais ou não, a questão é que eduquem-os e tratem-os¹ bem.

É comum em redes sociais fotos e vídeos de casais gays com seus filhos e muito felizes. Acho que isso mostra que a humanidade está amenizando o preconceito e estes tipos de família estão se tornando mais comuns.

[...]”

Sujeito 4 – resposta 3

“Eu acho o preconceito com os skatistas uma grande bobagem. É claro que há alguns que vão para o mau caminho, mas aqui no Brasil, há skatistas profissionais famosos que vieram de regiões muito humildes e não foram para o mau caminho. Este tipo de preconceito é julgar o livro pela capa.

A maioria das pessoas têm esse preconceito e que tem preconceito são na maioria adultos que enxergam os skatistas como vândalos que usam drogas ilícitas. Pode ser que tenha vândalos e usuário de drogas entre os skatistas, mas não são todos.

Esses adultos podem vir a ter filhos ou netos que gostem de pratica este esporte. E aí o que vão dizer para eles, como vão julgá-los?

Eu acho qualquer preconceito muito errado, o skate é uma cultura como qualquer outra e deve ser respeitado.”

A estrutura do texto formal escrito em prosa possui características bem específicas bastante diferenciadas das que se apresentam nos gêneros textuais virtuais. Porém profissionais da área da educação, queixam-se frequentemente que há uma certa “fusão” ou “confusão” na hora do aluno construir o texto que

¹ Os erros de colocação pronominal foram mantidos com o objetivo de preservar a autenticidade da produção.

necessita para apresentar um trabalho ou argumentar uma questão e, até mesmo, no dia a dia em seu caderno. Não há mais uma fronteira entre a norma culta e seu contexto e a linguagem virtual cotidiana. Expressões da língua falada, expressões da comunicação virtual informal, abreviações, falta ou excesso de pontuação, pontuação estilizada que se assemelha a símbolos permeiam os textos.

Conforme já citamos anteriormente, os alunos que tiveram as suas postagens online e conversas virtuais analisadas fazem uso diário desta forma de comunicação – e, diga-se de passagem, alguns até em tempo excessivo – e usam sem preocupação dos léxicos desta, das iconografias, imagens, enfim, tudo o que a comunicação virtual tem a oferecer e permite criar. No entanto, pode-se constatar nos exemplos de textos formais acima descritos nos quais não há a presença inadequada de praticamente nenhum destes termos.

Não houve o emprego exagerado e nem estilizado de pontuação. Não houve também o emprego de letras repetidas, abreviações, ou a alteração de palavras, como pronomes e verbos, ou mesmo outras classes gramaticais com ou sem intenção de aproximação do léxico da linguagem oral ou virtual, nem de simplificar os enunciados, tão pouco a inserção de símbolos.

Constatou-se o emprego incorreto de dois pronomes oblíquos (Sujeito 4 – resposta 3) que se caracterizam pela falta de conhecimento da regra de emprego, uma vez que é admissível que alunos do sétimo ano ainda não tenham conhecimento de que em verbos finalizados com som nasal o emprego do pronome oblíquo deve ser feito acrescido da letra “N”, o que resultaria em *eduquem-nos* e *tratem-nos* e não *“eduquem-os e tratem-os”*. Portanto, um desvio que nada tem a ver com o emprego da forma na linguagem virtual.

Três palavras do vocabulário inglês foram usadas, *“bullying”*, *“skatistas”* e *“skate”* respectivamente pelos sujeitos dois e quatro. O sujeito dois usou a palavra para exemplificar os tipos de violência que estão presentes na escola. O sujeito quatro empregou as palavras pois eles faziam parte do tema proposto.

Houve uma menção a um provérbio popular *“Este tipo de preconceito é julgar o livro pela capa.”* (Sujeito 4 - resposta 3), tratando-se de uma citação

polifônica aberta e direta uma vez que é um enunciado popular o qual se ouve com certa frequência. Neste caso há uma possível aproximação com os enunciados que o mesmo costuma postar em seu Facebook e através destes identificar-se. É a presença dos “eus” para consigo e para com os outros. No perfil dele na rede social ele deixa claro o gosto e a identificação que possui com o esporte. O mesmo processo de (re)enunciação aparece como argumento na defesa da opinião dele ou do grupo a que pertence. Nos demais textos isto não ocorreu.

Alguns tipos de discurso da linguagem escrita formal podem propiciar ao emissor comunicar-se com seus receptores, expor suas ideias e pensamentos mantendo um distanciamento tal que permita que a voz do sujeito apareça de forma impessoal, como se não falasse por si, mantendo-se oculto.

Porém como nenhum ato de fala é por completo generalizado uma vez que os sujeitos apresentam suas características indicias de discurso, que são próprias do indivíduo, como se fossem um acabamento dado a um produto para diferenciá-lo – a alteridade. São as experiências e as vivências histórico-sociais do dialogismo que são levadas de um gênero a outro pelo sujeito. Os mesmos traços pessoais identificados nos textos virtuais estão presentes nos formais, porém adequados ao tema lexical, como por exemplo, “*Conheço homossexuais que são pessoas maravilhosas, tem os mesmos gostos que eu por livros e estou nessa batalha contra o preconceito.*” (Sujeito 1 – resposta 1). Neste momento fica no discurso o registro de uma experiência particular, embora possa ser vivida por outras pessoas. Ainda nesta mesma frase o aluno faz menção a uma preferência particular muito presente em todo o seu perfil do Facebook que é o gosto pela leitura.

No caso da afirmação “*Talvez o melhor seja educar mais as crianças, porque muitos destes casos de violência são falta de limites na infância. [...]*” (Sujeito 2 – resposta 2) pode-se afirmar que, com grande probabilidade, este enunciado está carregado das vivências que este sujeito possui como forma de educação a que foi submetido, os princípios que regem a educação na família a que faz parte e que, provavelmente, esteja presente em sua vida de forma significativa.

7 CONCLUSÃO

Norteando-se pelo princípio Bakhtiniano de dialogismo, dentre outros conceitos do mesmo autor, esta análise procurou evidenciar ou não a existência de correlações entre a escrita virtual e a escrita formal moderna, principalmente no que se refere a concepção ortográfica. Para tanto foram relevantes, também, o estabelecimento de relações metalinguísticas e extra-verbais que envolvem os enunciados e os discursos.

Um levantamento das principais características dos enunciados virtuais e dos discursos na escrita formal padrão a fim de compará-las e interrelacioná-las na busca de pontos comuns, elementos distintivos, proximidade ou disparidades lexicais, traços ortográficos, desvios ortográficos e parâmetros de pontuação conduziu a conclusão de que independentemente da quantidade de tempo ou de variedade de rede ou chat a que o sujeito se dedica na comunicação virtual, fazendo uso dos recursos linguísticos que simulam a interação face a face, servindo a linguagem para encurtar as distâncias e até mesmo com a alternância do papel dos falantes e ouvintes, como interlocutores simultaneamente, eles se revelam na instauração do processo convencional de discurso. Isto quer dizer que, adequam-se ao gênero textual a que destinam seus enunciados ou discursos. Uma vez conectados ao computador, os interlocutores produzem atos enunciativos diferenciados dos tradicionais atos de fala de uma conversa convencional, utilizando-se dos recursos que a linguagem virtual oferece (marcadores de pontuação, emoticons, iconografias, variação gráfica e até mesmo um léxico digitalizado próprio) para interagir a altura dos demais interlocutores em tempo real. Não ficam invisíveis também a marcas de autoria, a chamada perspectiva indicial, que caracteriza individualmente o sujeito como produtor de determinado enunciado ou discurso, deixando transparecer traços de sua personalidade e suas vivências histórico-sociais, suas identificações pessoais aos seus seguidores.

Quando da necessidade de empregar a linguagem em um contexto que exija o seu uso convencional, como foi o caso de um trabalho escolar, uma produção textual, este se adequa a um destinatário presumido, um conjunto diferenciado de leitores daqueles virtuais, supostamente de uma área especializada da comunicação com critérios estabelecidos, um professor com o objetivo de avaliar seus conhecimentos e habilidades de escrita frente a língua padrão. Agem sobre os emissores em conexão o peso e grau de influência de seu destinatário fazendo com que estes passem a empregar a linguagem adequada à situação de fala e passando literalmente a usufruir de atos de fala, não mais de meros enunciados.

Assim compreende-se que um indivíduo alfabetizado e em processo de letramento, como é o caso a amostragem aqui observada, conserva suas marcas

textuais de autoria verbais e extra-verbais, apontando para um estilo próprio, de um indivíduo que pertence a um lugar, em um momento histórico e social, embora ainda não definitivo e maturo, mas apropriou-se das linguagens a ponto de fazer uso delas seguindo os requisitos e adaptações necessárias ao contexto e ao destinatário do qual a linguagem se destina, seja ela virtual ou convencional.

Não seria exagero afirmar que, em contrapartida ao que levou a esta análise, possui mais características da linguagem convencional a virtual, no caso de alguns sujeitos, do que o contrário. Em determinados momentos em que a conversa parece mais tranquila, com menos interlocutores interagindo, ou dependendo do grau de proximidade dos interlocutores a linguagem virtual tende a ser povoada por traços significativos da convencional, como é o caso de pontuação, acentuação e construções sem abreviações. Os mesmos desvios ortográficos que aparecem na linguagem convencional tendem a aparecer na virtual.

Embora com suas peculiaridades, certamente a internet aproximou muito mais jovens do hábito da leitura e o uso da palavra escrita como forma de comunicação. A escola poderia se beneficiar bem mais, se o processo de construção da conversação digital fosse melhor entendido e se tornasse uma aliada na construção do conhecimento, não só como forma de obter informações generalizadas, mas melhor direcionada para o desenvolvimento da escrita. Outros vilões precisam ser apontados como fator de interferência negativa a ponto de avariar o processo ortográfico, a de se começar a pensar se a “falha” não estaria no processo de alfabetização diante de um sistema tão fragilizado.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, MIKHAIL, **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, MIKHAIL, Les discurse dans l'avie et dans la poésie. In Tondorov. Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique. Paris, Seuil, 1981, p. 181.

BRAIT, BETH, **Bakhtin: Conceitos-chave**/ Beth Brait (org.). 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, BETH, **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**/ Beth Brait (org.). 2.ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

CABRAL, Adilson. E a massa virou rede: tendências da comunicação em tempos de interatividade. **Comunicação**, 07 nov. 2005, p. 1-8

HEINE, Palmira. Considerações sobre o hipertexto e os gêneros virtuais emergentes no seio da tecnologia digital. In: **Revista Inventário**. 4. Ed., jul/2005. Disponível no web world wide em <http://www.inventario.ufba/04/04pheine.html>.

SILVA, Sécio de Souza. A liberdade da escrita na/da internet: características lexicais do dialeto internetês. In **Revista Mosaicum**, Teixeira de Freitas, BA, vol. 1, n2, 103-118, ago./dez. 2005.

ANEXO A

Atividades realizadas na aula de Língua Portuguesa em 22/05/2015, objetos de análise da pesquisa:

Atividade 1:

O conceito de família pode ou não mudar?

A câmara dos Deputados está promovendo em seu site uma enquete sobre o estatuto da família. A iniciativa, bem sucedida, contava em 28 de abril passado, com a participação de 6 milhões de votantes. A pesquisa questiona quem está a favor ou contra a definição de família estabelecida no Estatuto, que é a seguinte: “define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união de

um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. Há quem não veja nenhum problema nesta formulação, que é o conceito tradicional de família. Há também quem acredita que não pode haver definição diferente, pois qualquer variação (como a união entre dois homens ou duas mulheres) não constitui uma família. Por outro lado a quem diga que isso é uma visão equivocada, conservadora e que não acompanha a evolução social, que, cada vez mais, reconhece os direitos de minorias com diferentes opções sexuais. O que você pensa a esse respeito? Você é a favor ou contra o conceito tradicional? Ou acredita que outros tipos de união também constituem uma família? (Fonte: <http://proenem.sites.ufms.br/files/2013/03/Proposta-07.pdf>)

Atividade 2:

Violência escolar: expor o problema e sugerir soluções

A violência na escola não é um problema novo, mas tem se agravado com o passar do tempo. Colabora para aumentá-la e difundi-la o próprio avanço da tecnologia e dos meios de comunicação - como a internet e as redes sociais. Publicar brigas entre alunos no YouTube, por exemplo, tornou-se uma prática corriqueira, como não é difícil conferir. Desse modo, é provável que, em maior ou menor escala, todos os estudantes já tenham presenciado ou ouvido falar de um caso do gênero. Por isso, queremos ouvir a voz do estudante: você já presenciou ou viveu um episódio de violência escolar? Leu algo a respeito ou viu na internet? Exponha o que você viu, leu ou o que lhe aconteceu. Depois, procure explicar as causas do problema, relacionando o caso particular que você relatou com o problema de um modo em geral - veja a opinião dos especialistas na coletânea. Em seguida, apresente uma sugestão: do seu ponto de vista, o que pode ser feito para prevenir o problema da violência na escola? (Fonte: <http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/violencia-escolar-expor-oproblema-e-sugerir-solucoes.jhtm>)

Atividade 3:

Preconceito com Skatistas

Estudos interdisciplinares, antropologia urbana, iniciação científica, etnografia, teses, dissertações e monografias. Os esportes radicais são tema de estudo cada vez mais frequente entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros que encontram nesse universo um amplo campo de observação.

Para o mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) Giancarlo Machado, que já foi redator da revista Tribo Skate e editor do blog Skate Cultura, "são criados vários estereótipos em torno dos praticantes do skate. Por estar inserido no contexto urbano, a utilização da cidade para o exercício dessa prática nem sempre é amistosa, ocasionando conflitos", prossegue. "Em certos momentos, os skatistas são tratados como atletas, mas em outros são tratados como vândalos". E você, o que tem a dizer a respeito das pessoas que praticam este esporte? (Fonte:

<http://esporte.uol.com.br/radicais/ultimas-noticias/2013/10/05/do-preconceito-aadmiracao-esportes-radicais-viram-teses-de-doutorado.htm>)

ANEXO B (Modelo de Autorização)



EXEMPLO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DADOS DIGITAIS

“AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (LEI N. 9.610/98)

Pelo presente Instrumento Particular, eu,

_____, RG. n. _____ SSP-SP e do CPF/MF n. _____, residente e domiciliado na

_____, responsável legal pelo aluno(a) _____,

por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, ao(à) pesquisador(a) < nome do pesquisador >, a utilização de imagem e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzido na oficina de produção de vídeo tais como:; fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, Internet, Banco de dados informatizados, Multimídia, “home video”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionada à minha imagem, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a minha imagem ou não.

A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

_____, ____ de _____ de 2010

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

Artigo 79.º CODIGO CIVIL

(Direito à imagem)

1- O retrato de uma pessoa não pode ser exposto, reproduzido ou lançado no comércio sem o consentimento dela; depois da morte da pessoa retratada, a autorização compete às pessoas designadas no n.º2 do artigo 71.º, segundo a ordem nele indicada.

2- Não é necessário o consentimento da pessoa retratada quando assim o justificarem a sua notoriedade, o cargo que desempenhe, exigências de polícia ou de justiça, finalidades científicas, didáticas ou culturais, ou quando a reprodução da imagem vier enquadrada na de lugares públicos, ou na de factos de interesse público ou que hajam decorrido publicamente.

3- O retrato não pode, porém, ser reproduzido, exposto ou lançado no comércio, se do facto resultar prejuízo para a honra, reputação ou simples decoro da pessoa retratada

LEI N. 9.610/98

Capítulo VI

Da Utilização da Obra Audiovisual

Art. 81. A autorização do autor e do intérprete de obra literária, artística ou científica para produção audiovisual implica, salvo disposição em contrário, consentimento para sua utilização econômica.

§ 1º A exclusividade da autorização depende de cláusula expressa e cessa dez anos após a celebração do contrato.

§ 2º Em cada cópia da obra audiovisual, mencionará o produtor:

I - o título da obra audiovisual;

II - os nomes ou pseudônimos do diretor e dos demais co-autores;

III - o título da obra adaptada e seu autor, se for o caso;

IV - os artistas intérpretes;

V - o ano de publicação;

VI - o seu nome ou marca que o identifique.